

O ATIVISMO SOCIAL NAS MÚSICAS DE INTERVENÇÃO RÁPIDA DE MANO AZAGAIA

Nadilé José Fernandes¹

nadilejosefernandes97@gmail.com

João Luiz Teixeira de Brito²

joaoluiztb@unilab.edu.br2023

RESUMO

O gênero Rap é um estilo musical que se desenvolveu dentro de uma cultura que surgiu nos Estados Unidos na cidade de Nova York, especificamente no bairro de nome Bronx, na década de 1970, e que mais tarde se espalhou pelo mundo, através de uma cultura conhecida como Hip-Hop. Esse é o gênero que o músico moçambicano Mano Azagaia escolhe e faz como um dos instrumentos do seu ativismo social, voltado para a causa do povo moçambicano. Para o presente trabalho, segue-se como metodologia de estudo a bibliográfica, que facilite a explorar textos, livros, artigos científicos, vídeos e músicas já publicados em diferentes sites, revistas, jornais. Adotamos uma abordagem qualitativa, que possibilita uma análise subjetiva das idéias e do pensamento do rapper nas suas músicas. Dentro da obra do rapper moçambicano Mano Azagaia destacam-se as “músicas de intervenção rápida” ou MIR. Essas são músicas que se encontram fora dos seus álbuns e que sempre criticam o sistema político, em quesitos como corrupção e injustiças sociais. As MIR são principalmente vertidas contra o partido que está no poder em Moçambique. Desse modo, este trabalho busca analisar o ativismo social nas canções de intervenção rápida cujos títulos são: “A Emboscada”, “Povo no poder” e “Vendem o País”. E, dentre essas canções, o artigo foca mais na análise da música intitulada “Povo no Poder”, servindo como pilar e, por outro lado, como um veículo que vai oferecer a melhor compreensão do ativismo social e do próprio gênero das músicas de intervenção rápida. As outras duas músicas servirão como suportes, reforçando a multiplicidade de sentidos e funções das músicas de intervenção rápida.

Palavras chave: Hip-Hop, Ativismo social, Rap moçambicano, Músicas de Intervenção Rápida.

RUSUMU

Genero Rap i um tipo di musika ku sta dentru di um cultura ku surgi na Estados Unidos cidade de Nova York, na bairro de Bronx na ano di 1970 ku padjiga pa mundo kunsidu suma Hip-Hop. Um tipo di genero ku musico moçambicano kudji suma um ferramenta pa fasi ativismo social, ku sintidu di luta pa causa di pubis moçambicano. É tarbadju fasidu ku metodlogia di estudo di tipo bibliografica, atravez de exploração de textos, librus, artigos científicos, vídeos i musikas ku publicados dja na diferentes sites, revistas i jornais ku abordagem qualitativa. Ku facilita na análise ideias di rapper a partir disi musikas. Dentro di tarbadju di rapper moçambicano, Mano Azagaia, musikas di intervenção rápida ku pa utru lado kunsidu suma “MIR”, ikil

¹ Formando em Letras Língua Inglesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB)

² Orientador. Professor do curso de Letras Língua Inglesa da UNILAB.

musikas kuka fasi parti di musikas kuta bin dentru si albuns, i kuta bin sempre ku criticas contra sistema politico na keku ta fala de corrupção ku injustiça social i tambí mas inda pa partido ku sta na poder. Pakila é tarbadju na buska analisa ativismo social a partir di cantigas di intervação rápida ku tene suma temas: A Emboscada, Povo no Poder e vendem o País. I entre é musikas, é artigo tene suma foco principal análise musika ku dadu titulo di Povo no Poder kuna sirbi suma pilar i pa utru lado suma veiculo pa mindjor intindimentu di uso di ativismo social, i kil utrus dus musikas na sirbi suma di suporte na reforça sintido i funson di cantigas di “intervenção rápida”.

Palabras tchabi: Hip-Hop, Ativismo social, Rap moçambicano, Intervenção rápida.

INTRODUÇÃO

Gênero musical é a expressão utilizada para se referir às distintas categorias de músicas, através de estilos de batidas, ritmo e sonoridade, em geral, dentro desse âmbito. E, dentro do próprio gênero musical, encontram-se músicas diferentes, que se assemelham em critérios que lhes permitem fazer parte do mesmo estilo, mas não as tornam necessariamente iguais e também não há intenção de que sejam mesmo iguais. Nesse âmbito, este conceito de gênero musical é muito importante para o presente trabalho, permitindo ao leitor saber marcar as diferenças naquilo que diz respeito à questões como as representações do lugar e do tempo, uma vez que este gênero funciona também como mediador do espaço representando o contexto social e cultural, ou seja, apresenta uma identidade territorial de cada músico.

Com vista a esta produção, o trabalho é feito baseado nas obras de Edson da Luz, conhecido pelo nome artístico de Mano Azagaia, um músico notório em sua obra por aspectos caros à intervenção social. Azagaia nasceu em 6 de maio de 1984 numa vila chamada Namaacha, em Moçambique, e faleceu no dia 9 de março de 2023. Tinha pai cabo-verdiano e a mãe moçambicana (Migliorini, 2022, p.2). Deu início a sua carreira musical na primeira gravação em 2000, momento no qual fazia parte do Grupo da Dinastia Bantu, e foi ali que o seu trabalho ganhou outro contorno. Em 2007, lançou seu primeiro álbum solo, intitulado *Babalaze*. A partir disso, o rapper começou a ganhar notoriedade e fama pelos temas que ele abordava nas suas músicas.

Os temas eram delicados, mas o rapper os abordava com lucidez, de uma forma profunda, fato que despertava interesse do público em ouvi-lo, até os mais velhos que não gostavam do gênero, ouviam e gostavam das canções. Certa vez, em uma entrevista³, Azagaia chegou a dizer, “os mais velhos dizem que não gostam do

³ Informação verbal colhida em um entrevista feita no programa Teoria da Evolução com José Mariño no dia 02/12/2021

hip hop, mas dizem que gostam do Azagaia”. Em 2013, o músico lançou novo álbum intitulado *Cubaliwa*, expressão em uma língua moçambicana, que, traduzida em português, significa “Renascimento”, totalizando, assim, dois discos gráficos no mercado (*Babalaze* e *Cubaliwa*), além de algumas outras canções que o próprio passou a chamar de “músicas de intervenção rápida”, as quais constituem, em última instância, os objetos principais de análise do presente trabalho.

A princípio, o trabalho se foca em analisar as letras das suas músicas de “intervenção rápida” dentro do gênero Rap, um estilo que se encontra originalmente dentro da cultura Hip-Hop, uma cultura que teve sua nascença no período de 1970, no Bronx, New York, EUA. O artigo apresenta as diferenças entre o Hip-Hop e o Rap, para permitir o leitor se sentir inserido e possibilitando uma rápida compreensão na pluralidade que existe no gênero Rap. Em seguida, o trabalho fala sobre o ativismo social, que é um dos elementos temáticos centrais desse trabalho, para poder dar mais esclarecimento do campo ativista do rapper. Sobretudo, nos concentraremos em abordar e desenvolver o conceito das *músicas de intervenção rápida* a partir da perspectiva do Mano Azagaia e como elas se constituem como parte essencial de sua obra mais ampla. Porém, a parte central do trabalho é, de fato, constituída pela análise interpretativa e histórica dessas canções, dentro da obra de Azagaia e dentro do contexto geopolítico em que se inserem.

É importante ressaltar que, em termos metodológicos, a pesquisa se pautou por um estudo bibliográfico de abordagem exploratória, especialmente interessada na construção inicial do conceito de Músicas de Intervenção Rápida, seguida por análises interpretativas dos textos-objetos selecionados, a saber, as três canções exemplares “A Emboscada”, “Povo no poder” e “Vendem o País”. Houve, a partir dessas leituras iniciais, um esforço comparativo de estabelecer minimamente o diálogo entre as linhas historiográficas e poéticas presentes nos textos, que os fazem transitar, portanto, entre a criação artística e o conhecimento historiográfico estabelecido, embora possivelmente uma pesquisa mais profunda ainda se faça necessária de modo a se estabelecer o caráter historiográfico de modo mais consistente. Ressaltamos ainda que foi o desígnio deste trabalho, ao se voltar para um objeto que trabalha o universo da cultura pop contemporânea (como é o caso do gênero musical do Hip Hop, ainda que estejamos a tratar de uma vertente socialmente engajada), buscar em fontes pertencentes a esse mesmo universo as ferramentas

críticas com as quais dialogar com a obra de Azagaia, de modo a inserir o leitor no campo perceptivo que cerca a obra do artista.

Como dissemos anteriormente, para a análise do trabalho, destacam-se as três músicas de intervenção rápida: “A emboscada”, “Povo no poder” e “Vendem o País”, lançadas em períodos diferentes da carreira de Azagaia, mas que se tornam vitais para a compreensão do ativismo social do rapper. Dentre essas obras, o trabalho destaca, em especial, a análise da música intitulada “Povo no Poder”, que nos parece oferecer todos os ingredientes necessários para compreensão do ativismo social e a luta do rapper em face das injustiças verificadas por ele na realidade social do seu povo, constituindo o modelo mais bem acabado da Música de Intervenção Rápida (MIR). Outros temas explorados em suas canções, como a corrupção e a violência, por exemplo, serão também trabalhados como focos auxiliares da análise. Exposto isto, a música “Povo no poder” será a primeira música a ser analisada, depois virão “A emboscada” e, por último, mas não menos importante, a música “Vendem o País”. Contudo, antes, algumas informações contextuais mais pontuais se fazem necessárias, sendo destacadas a seguir e também ao longo das análises.

HIP-HOP E RAP

A cultura Hip Hop surgiu nos anos de 1970 através de problema econômica e social nas favelas de Kingston, o motivo que fez com maioria dos jovens saíram de Jamaica para Estados Unidos de America. com o DJ jamaicano Kool Herc o protagonista que fez essa transição da cultura para Nova Iorque a tradição dos *Sound Systems* (SANTOS, p. 5). A cultura Hip-Hop, uma ferramenta que luta contra a segregação e racismo que era muito forte na época.

O Hip Hop é um movimento cultural que busca em suas manifestações artísticas lutar contra problemas sociais tais como desigualdade e violência. É uma cultura de rua com o objetivo de reivindicar e criticar as falhas da sociedade através de letras de música, danças e grafitagens, (SANTOS, P.04)

O gênero mais específico do Rap é um campo musical que, em geral, fala sobre sentimentos de injustiça e, em sua forma mais tradicional, tende a fazer críticas ao sistema governamental ou à sociedade que teve sua origem numa época de perturbações políticas. “Em uma época de perturbações políticas nasce o Rap para ser

usado como mais uma ferramenta de protesto por jovens de grupos marginalizados, que lutam por seus direitos de igualdade diante da sociedade”, (SANTOS, P.05).

O Rap é originário de um estilo musical das dos período de anos 1950 no ocidente da África e que ganhou influencia pelos negros americanos nos guetos, representando os problemas e fazendo denúncias da segregação social.

“O *Rap (Rhythm and poetry)* é um estilo musical originado do canto falado da África ocidental, adaptado à música jamaicana da década de 1950 e influenciado pela cultura negra dos guetos americanos no período pós-guerra. As letras das canções de *Rap* são denúncias da exclusão social e cultural, violência policial e discriminação racial; constituindo-se de longas descrições do dia-a-dia de jovens que vivem nas periferias de centros urbanos” (SANTOS, P.5, 2009, *apud* SILVA 1999).

Por um lado, serve como um campo de motivação, que faz com que as pessoas expressem o que sentem, e ao mesmo tempo serve como veículo de transformação, de trazer inovações, informações para mudanças sociais, como defende Yhago Mendes, em postagem no blog MurbBrasil “Um estilo que expressa sentimentos, injustiças externas e exige mudanças do sistema, do governo e das autoridades através de suas letras” (informação digital)⁴. Além de ser um gênero de intervenção social, ou seja, que tipicamente traz questionamentos sobre situações sociais das comunidades em que se insere, o Rap também é capaz de realizar certas manobras de representação cultural, social, educativa através da figura de cada artista, de sua forma de fazer música dentro do estilo mais amplo do Rap, por exemplo, através de suas técnicas de canto, de seus versos, em sua estrutura ou conteúdo, incorporando uma identidade relativa ao meio social que o rapper representa e, sobretudo, como nos parece ser o caso aqui, reeditando a própria historiografia nacional, em uma nova mídia de largo acesso, de modo a veicular mensagens que funcionem em prol de sua comunidade.

De acordo com essas colocações distintas entre Hip-Hop e Rap percebe-se que as duas são do mesmo lugar, porém diferentes um do outro, porque o Hip-Hop é como uma árvore, e o Rap é como os galhos, cheio de tamanhos diferentes e de muitas diversidades, o que lhe torna mais interessante por permitir que cada rapper se expresse de acordo com seu espaço geográfico, trazendo seu estilo de fazer Rap e

⁴ Postagem feita por Yhago Mendes no blog MurbBrasil, em 07 de fevereiro de 2023. Disponível em <<https://murbbrasil.com/a-importancia-do-rap-nacional/>>. Acesso em 31 de outubro de 2023.

representando a cultura e realidade de sua comunidade tanto nas questões políticas, social, econômica e culturais.

É importante essa diferenciação dos dois fenômenos, bem como a compreensão da ligação que existe entre os dois, principalmente quando o assunto é voltado a análise de um gênero musical mais específico dentro deste universo.

ATIVISMO SOCIAL

É de extrema importância destacar o ativismo social que é inerente à produção de Mano Azagaia, pois, para além da composição e execução de peças musicais, ele também era um ativista que defendia causas sociais. Nessa perspectiva, Azagaia parecia tentar se posicionar como um educador do seu povo, e, por meio das suas músicas, denunciava a corrupção e os abusos do poder. Percebe-se uma consciência política muito elevada da sua parte, o que deixa seu ativismo social engajado na sua obra.

Como é sabido, o ativismo é um ato que conecta os cidadãos de forma ativa à sua sociedade, à vida política e social. Em muitos casos, esse ativismo se reflete na conscientização do público jovem quanto a seus direitos e quanto a uma luta pelo bem comum, chamando os dirigentes às suas responsabilidades para as quais foram eleitos. O ativismo social também pode ser concebido como uma ideia de transformação capaz de orientar a mudança ideológica, já que sem a oposição de ideias não existiria o ativismo. A assistente social e terapeuta da família Maria Innarelli (2013), nos apresenta uma visão daquilo que seria o ativismo social, conceito formado por dois termos, “ativismo” do verbo ativar e “social” que envolve a sociedade. Ela pontua:

Ativar é um verbo que pode definir tanto uma ação individual quanto vislumbrar a possibilidade de uma ação coletiva. Ou muitas. Este conjunto de ações coletivas, realizadas por muitas pessoas, dão significado para o sentido do Ativismo. Já o Social envolve uma porção de variáveis que compõem a sociedade e seus mecanismos de convivência. (IANNARELLI, 2013).

A partir desta definição proposta pela autora, percebe-se que este conceito envolve a participação do cidadão na vida pública em que ele ou grupo de pessoas possam desenvolver uma ação, exigindo mudanças. Ainda podemos perceber na fala dela que o ativismo social é também uma forma individual, assim como coletiva, de

contribuir com ações para o bem da sociedade, quer dizer, que um indivíduo ou grupo de pessoas pode desencadear uma ação, com vista a propor mudanças de status quo.

CONCEITO DAS MÚSICAS DE INTERVENÇÃO RÁPIDA

Em entrevista feita no programa *Teoria da Evolução* com José Mariño no dia 02 de dezembro de 2021, após três minutos e quarenta segundos, Azagaia relata a sua visão sobre as músicas de intervenção rápida, “Enquanto não saiu o álbum eu ia lançando as músicas assim que eu costumo chamar de músicas de ‘intervenção rápida” (AZAGAIA, 2021)⁵. Desta forma, percebe-se que são as músicas que não fazem parte dos álbuns, pois para ele, o álbum é um conceito maior e isso demanda tempo, e durante o tempo de preparo do álbum, coisas vão acontecendo no país.

Para não deixar que tudo isso passe de uma forma despercebida, o músico compõe e lança as músicas nesse intervalo, denominando-as “músicas de intervenção rápida”, tendo em conta a situação em que o país está a viver e a necessidade de manter o povo informado e alertá-lo sobre a realidade e a condição em que se encontram, com vistas a despertar a consciência social em seu público e fazê-lo exigir mudanças. Essas músicas de intervenção rápida, portanto, apontam os incumprimentos das promessas de políticos e governantes. Não só isso, como também denunciam os abusos e injustiças sociais, formas de corrupção cometidas pelos governantes no poder.

Por outro lado, verifica-se que as músicas de intervenção rápida exigem do governo a responsabilidade de colocar a necessidade e interesse do povo acima de todos os outros interesses, com vista a proporcionar a melhoria da condição de vida da população moçambicana e ao mesmo tempo despertar a consciência dos jovens sobre seus direitos e deveres enquanto cidadãos.

ANÁLISE DA MÚSICA “POVO NO PODER”

A música “Povo no poder” foi uma das músicas que mais marcantes da carreira de Azagaia, por seu impacto social e político. A música foi lançada em fevereiro de 2008, justamente dois dias após dispararem os preços dos produtos de

⁵ Entrevista cedida a José Mariño, no programa Antena 1, em 02 de dezembro de 2021. Disponível em <https://youtu.be/m1_FhTiOkoY. Acesso em: 15 set 2023>. Acesso em 27 de novembro de 2023.

primeira necessidade nos mercados moçambicanos. A alta nos preços, que afetou produtos de primeira necessidade (tais como: pão, água, etc.), tarifas eletrônicas e transportes públicos, gerou uma grande revolta popular em Moçambique.

Alguns, sobretudo, os governantes, diziam que a revolta popular teria sido motivada pela música “Povo no poder” do rapper, uma vez que a música trata dessa revolta, denunciando e trazendo duras críticas ao governo e ao partido político no poder. Uma das evidências da ligação feita pelos poderes institucionais entre Azagaia e a revolta popular é o fato de o rapper foi notificado por parte da Procuradoria Geral da República, que o obrigou a explicar as razões da música “Povo no poder”.

A letra da música narra os acontecimentos que levaram a população a se revoltar contra o sistema de governo, como também denuncia a postura dos políticos que não planejam direito as decisões e não ponderam as consequências para sua população (MIGLIORINI, 2021, p.17). Como podemos ver na citação abaixo, em uma entrevista concedida ao programa TV SUCESSO com Gabriel Júnior, no dia 20 de abril de 2021, numa citação que começa partir dos 7 minutos e meio e segue até cerca dos 8 minutos do vídeo, Azagaia afirma que:

A procuradoria Geral da república alegava que eu teria criado condições para que houvesse uma manifestação, quando eu simplesmente nesse caso agi como um jornalista. O que acontece é que a minha música saiu um ou dois dias depois, provavelmente eles não se habituaram com essa rapidez de resposta e pensaram que era algo que tinha premeditado, porque a música “Povo no poder” incita violência contra o estado (AZAGAIA, 2021)⁶

Contempla-se que esta notificação por parte da Procuradoria não parece ter sido uma simples chamada, mas pode ser vista uma forma de perseguição contra o rapper, constituída a partir de sua iniciativa de manter um diálogo com a população e buscar despertar a consciência do povo, denunciando as injustiças, uma forma de tentar conter esse desejo do artista de sempre estar ao lado do povo, lutando para que os direitos dos cidadãos moçambicanos fossem respeitados e para que pudessem ter e usufruir das liberdades fundamentais, como liberdade de expressão, de imprensa, liberdade artística; liberdades que, muitas das vezes, são silenciadas pelos dirigentes. Por causa dessa sua consciência crítica e de sua coragem em falar de assuntos delicados e complexos, em geral, a classe política começa a ter ressalvas quanto à figura de Azagaia e tenta boicotá-lo, como bem mostra o sociólogo

⁶ Entrevista cedida a Gabriel Júnior, em 20 de abril de 2021. Disponível em: <<https://youtu.be/RAnY6S7fxps>>. Acesso em: 27 set 2023.

Boaventura de Sousa Santos, ao analisar uma das músicas do rapper intitulada “Cães de raça”.
Numa entrevista, o sociólogo destacou o seguinte:

Ele diz tudo, não achas? Ele diz coisas que eu nem poderia dizer de outra forma e nem era capaz de ter credibilidade mas isto por credibilidade, por isso também os políticos não gostam dele por isso tentaram o calar [...], por isso este tipo de ativismo nos condições dele é muito mais difícil de alguma maneira, (SANTOS, 2022)⁷.

Analisa-se que, a partir da fala do sociólogo, o ativismo social que Azagaia fazia era muito pesado, colocava sua vida em causa, por conta dos conteúdos que abordava nas suas músicas, assuntos que envolviam questões de injustiças sociais. Ainda assim, o rapper nunca parecia temido, mesmo com ameaça e perseguição a sua vida, dizia que acreditava que sua vida tinha o propósito de servir seu povo, o que exigia dele muita coragem ao sintetizando sua fala na entrevista na TIMMOZAMBIQUE (Televisão Independente de Moçambique), no dia 19 de maio de 2011 (AZAGAIA, 2011).

De acordo com Migliorini (2022, p .5), quanto aos transportes, “O aumento anunciado pelo governo foi de 50% para trajetos curtos e de 33% para trajetos longos, o que representa um aumento real de 5 para 7,5 meticais e de 7,5 para 10 meticais, respectivamente”. Com o aumento do preço, gerou-se a revolta popular. Quando relacionamos esses fatos com a canção, logo em sua introdução, a música apresenta uma questão de resistência e de revolta contra o sistema político implantado no país e que não conduz o país a nada. Vê-se isso, nessa passagem: “Já não caímos na velha história/ Saímos pra combater a escória/ Ladrões/ Corruptos/ Gritem comigo pra essa gente ir embora/ Gritem comigo, pois o povo já não chora”. A canção parece querer demonstrar que o povo moçambicano se tornou consciente e que, se o governo não tomar ações para sanar a situação, o povo não vai ficar de braços cruzados, já tem seus olhos abertos e jamais cairia nas mentiras do passado; sairá às ruas manifestando sobre os abusos do governo.

No início da primeira estrofe, percebe-se que a música aponta para o passado (ontem) demonstrando como o povo vivia normal, de modo que a condição de vida da população era boa e digna, os direitos eram respeitados. Porém, fica patente a noção

⁷ Informação veiculada na 1º parte da TV TIM MOZAMBIQUE. Disponível em: <<https://youtu.be/uHwHwk>>. Acesso em: 21 set. 2023.

de que, no hoje da canção, no tempo presente que ela representa, tudo isso foi invertido, o povo é abandonado pelos seus próprios governantes e dirigentes, vivendo na miséria com salários baixos, sem esperança de vida, como bem aponta o trecho a seguir:

Isto é Maputo, ninguém sabe bem como
o povo que ontem dormia hoje perdeu o sono
tudo por causa desse vosso salário mísero
o povo sai de casa e atira pra o primeiro vidro
sobe o preço do transporte
sobe o preço do pão
deixam o meu povo sem norte
deixam o povo sem chão
revolução verde, só vemos na nossa refeição (AZAGAIA, 2008).

Isso mostra que o povo vem sofrendo há muito tempo nas mãos dos seus dirigentes fingindo que querem construir o país mas que no fundo estão se construindo a si mesmos. Nota-se também, na continuidade da canção, que o rapper tenta demonstrar que o povo não iria ficar de mãos atadas, iria exigir a sua dignidade, exigir do governo, sobretudo, as melhorias de condição de vida, através de ajustes de preços e distribuição justa de renda.

No momento da revolta, durante várias horas de agravamento, trancamentos das lojas e bloqueios causados pela população para impedir a circulação, o Governo ficou preocupado e pediu serenidade ao povo, porque a situação estava se tornando cada vez mais complicada. Como frisou o rapper: “Agora pedem o que? Ah, Ponderação / Pondera tu, antes de fazeres a merda / de subires o custo de vida / e manteres a baixa a nossa renda” (AZAGAIA, 2008). Nessa passagem percebe-se que o rapper trabalhou com a ideia de pensar antes de fazer, ou seja, pensar no outro para evitar o caos como aconteceu.

Na visão do músico os comportamentos dos políticos parecem estar estagnados, em forma de pensamentos muito caricatos, o que o leva a dizer, num dos versos o seguinte: “Esse governo não se emenda mesmo / não vai haver uma tragédia mesmo, sim / mesmo que venham com gás lacrimogêneo / a greve tá cheia de oxigênio / não param o nosso desempenho / eu vou lutar, não me abstenho” (AZAGAIA, 2008). Note-se como ele aponta a falta de mudança por um país que já enfrentou vários conflitos mas onde os políticos não aprenderam com nada do passado e que continuam querendo bloquear a liberdade de expressão, continuam querendo

proibir o povo manifestar seus direitos nas ruas, uma situação que poderia levar o país a registrar outras causas de perdas injustas.

De acordo com (MIGLIORINI, 2021, p. 7.) Entre os anos de 1964 e 1992, o território de Moçambique viveu sob a violência das guerras. Inicialmente, eram as guerras de independência/anticoloniais, de 1964-1975, e depois a guerra civil moçambicana que se iniciou em 1977 e terminou em 1992. Talvez esses acontecimentos deveriam servir de lição aos governantes e levá-los a contemplar com respeito às vidas perdidas.

Na luta para melhoria de condição de vida do povo moçambicano e para pôr fim ao regime ditatorial que não atende às necessidades da população, o rapper contou com a presença da parte da comunidade, mencionando algumas províncias do território moçambicano para se levantarem juntos para uma causa maior e justa, porém, na música, Azagaia chama o nome e responde ao mesmo tempo a presença daquela localidade, como está frisado na seguinte parte da canção: “Malhazine (presente)/ Magoanine (presente)/ Urbanização (presente)/ Jardim”, (AZAGAIA, 2008). Com esta atitude da parte do músico através desta chamada, ele parece tentar demonstrar que cada um, em cada localidade, precisa estar ativo e fazendo sua parte para um futuro melhor do país. Por outro lado, em relação aos políticos, sua escrita parece tentar demonstrar que é o povo o centro de atenção, não o político.

Esse espírito fez dele, como já propusemos anteriormente, de tentar aparecer como Educador do povo, com um forte senso crítico. Azagaia sempre tenta mostrar aos governantes que o poder pertence ao povo, o que pode ser percebido a partir do seguinte refrão: “Povo no poder / povo no poder/ povo no poder”, (Azagaia, 2008). A repetição reforça a centralidade da mensagem. Sobretudo, verifica-se que Azagaia tinha uma ideia nacionalista. Para Migliorini, suas canções são uma marca nacional, e é enquanto cidadão moçambicano que as canções ganham potência, como o autor salienta na citação a seguir:

Outra ideia constante em suas músicas é a identidade nacional enquanto moçambicano (a), em especial no sentido de uma consciência nacional para formar a almejada unidade nacional, não um nacionalismo obcecado pelo Estado que resulta em xenofobia, (MIGLIORINI, 2020, p.15 - 16).

A partir do quinto verso até décimo primeiro verso da segunda estrofe, Azagaia parece escrever sobre o que pode acontecer na revolução. Enquanto a situação continua a mesma, a revolta tem que continuar e a sociedade há de responder de acordo com as atitudes de repressão dos poderes institucionais, no caso mais claro, dos policiais. A letra diz:

Barricamos as estradas
Paralisamos esses chapas
Aqui ninguém passa
Até as lojas estão fechadas
Se a polícia é violenta
Respondemos com violência (o quê?)
Muda a causa pra mudares a consequência
mais de metade do meu salário vai pra impostos e transporte
se o meu filho adoecer fica entregue a sua sorte
enquanto isso, esse teu filho está saudável e forte
vive na fartura leva uma vida de lord
viver aqui é um luxo, o custo é elevadíssimo
Trabalhamos como escravos e entregamos tudo no dízimo (AZAGAIA,
2008).

A partir deste ponto, contempla-se que o rapper parece querer que o governo organize as mínimas condições de vida para seu povo. Porém, a princípio, para sanar alguns problemas, são colocadas duas propostas. A primeira seria a de que o governo precisava resolver a situação do aumento de produtos de primeiras necessidades, baixando tarifas e transportes, esta era uma saída. A segunda era através do aumento salarial que iria permitir menos sacrifícios e oferecer ao povo uma vida normal. Porém, caso esses pontos não fossem atendidos, poderia haver novos ataques, que poderiam ser fatais, ainda como aponta:

Baixa a tarifa do transporte ou sobe o salário mínimo
xee, Isso é o que debes fazer no mínimo
a não ser que queiras fogo nas bombas de gasolina
assaltos a padarias, ministérios, imagina
destruir os vossos bancos comerciais, a vossa mina (AZAGAIA, 2008).

Por um lado, fica claro que o músico, de certo modo, incita a continuidade dos ataques. Por outro lado, o que um governo esperaria de um povo sem melhores condições de vida, sem emprego, sem baixa renda, sem o aumento do salário mínimo? Nota-se que Azagaia talvez estava simplesmente a mostrar ao governo que, na ausência dessas coisas, só se pode esperar tragédias, como as que ele apontou. Para além de uma incitação do povo a ataque ao sistema governamental, relativos a vários

problemas que os políticos pareciam nem se importar em resolver, o que Azagaia parece efetuar aqui é uma chamada de atenção, inferiorizando os dirigentes governamentais nos quatro últimos versos da última estrofe por serem irracionais e frutos perdidos, mas reforçando que a reação popular deve servir como forma de aprendizado para o melhoramento de condições de vidas porque, caso contrário, haveriam consequências e uma próxima revolta. “Governança irracional parece que contamina / que tenham aprendido a lição / e não esperem pela próxima/ aviso-vos meus senhores que terão pela próxima” (AZAGAIA, 2008).

Nesse verso final “Aviso-vos meus senhores que terão pela próxima” (AZAGAIA, 2008), o rapper previu com sua experiência vivenciada que uma outra revolta viria pela frente. Ele percebia que o país não estava nada bem e parecia saber exatamente que tipos de dirigentes estavam à frente da nação. E, de fato, pouco tempo depois, aconteceu uma outra revolta por causa de um novo aumento de produtos essenciais, dos quais a população depende muito. Essa nova revolta gerou a morte de muitas pessoas. Segundo Migliorini (2020, p.21), em 2010, foram cerca de 13 mortos e mais outros tantos feridos. Eis uma notícia de 2010 sobre o evento, do site Portal Esquerda:

A revolta popular foi provocada pelos violentos aumentos de preços: o pão subiu de 7 para 10 meticais, sendo que um salário baixo, em Moçambique, não ultrapassa os 2.500 meticais por mês. O aumento dos combustíveis foi o terceiro consecutivo – o litro de gasolina está quase a um dólar. Houve também aumentos das tarifas da água potável e da electricidade (ESQUERDA, 2010).

Com aumentos do preço, alta crise populacional e salário precário que não chega a resolver os problemas básicos da família, talvez não teria como o povo ficar sem reagir, em busca de uma condição melhor, na qual estava caracterizado um estilo de vida que é capaz de incitar uma revolta.

A ANÁLISE DA MÚSICA “A EMBOSCADA”

A música “ A Emboscada” foi lançada em 2012. Na canção, Azagaia fala sobre os acontecimentos de 16 anos da guerra civil que o povo moçambicano havia enfrentado e dos pensamentos dos governantes impostos pelo sistema colonial. Nos dois primeiros versos a música fala do poder de voto que o povo tem, o que leva os políticos a disputarem por seu apoio, mas depois de conseguirem esse voto criam

crises que fazem com que o povo brigue entre si, como diz o rapper: “Eles lutam / pelo poder que está nas nossas mãos / disputam / mas querem ver o sangue nas nossas mãos”, (AZAGAIA, 2012). Para Araldi (2016, p. 25), “‘Emboscada’ (2012), começa com a memória da violência da Guerra Civil”. Foi uma guerra que teve um milhão de pessoas mortas, segundo Campos (2014, p.1). Dois anos após Moçambique se tornar um país independente, verifica-se que era muito cedo para não ter as influências dos colonos.

A partir deste seguinte verso, “Nós matamos irmãos, amigos, tios e avós/ Cortamos tantas gargantas que acabamos sem voz” (AZAGAIA, 2012), talvez pode ficar evidente que as intervenções dos rastros europeus, sobretudo, suas políticas de “separar para reinar”, criaram conflitos internos e que, pouco tempo depois da independência, os irmãos já não se entendiam mais entre si. Na verdade, nota-se também nas músicas que o resultado dos processos de independência levaram à saída dos colonizadores, mas não do colonialismo.

Portanto, levando em consideração o caos que o país enfrentava desde sua emancipação e do apaziguamento, o rapper faz uma pergunta profunda: "E agora, será que o Papa vai descer até a minha zona?/ Baixar o preço do chapa e fazer subir a pomba?" (AZAGAIA, 2012). Fazendo uma referência ao acordo da paz que foi assinado em Roma, com a intervenção do Papa para o fim da guerra civil, Azagaia menciona o Papa e se pergunta se ele vai ajudar na resolução dos problemas que assolam o povo, para o rapper, aquele acordo não era suficiente para uma estabilidade política, como pontua também a autora Cristiane Nascimento da Silva:

O Acordo Geral de Paz foi assinado em Roma no dia 04 de outubro de 1992 pelo presidente Joaquim Chissano e pelo falecido líder da Renamo Afonso Dhlakama. Em 1994, Moçambique teve as suas primeiras eleições que confirmaram a vitória da Frelimo. No entanto, este tratado não foi suficiente para garantir a paz (SILVA, 2022, p.36).

O povo a sofrer e os dirigentes desconectados dos sofrimentos, esses fatores constituem um modo de governança que cria divergências internas até o ponto de uma guerra. Para esse tipo de posicionamento ou de desprezo de classe social, nos versos a baixa Azagaia propunha que, para acabar com o sistema vigente, ele próprio seria o primeiro na fila a se posicionar contra:

O primeiro a matar o próprio irmão vou cuspir-lhe na cara
A verdade sobre essa gente fingida que mente na cara

Que para provocar uma guerra deixa a vida mais cara
Gente que se mascara com discursos democráticos
E depois entrega armas a jovens desempregados, (AZAGAIA, 2012).

A origem disso tudo, pode analisar que se dá a partir da epistemologia criada desde a época dos invasores, por formas de opressão criadas para controlar os povos colonizados para que pudessem ser dominados de maneira mais fácil. Seu resultado é a criação de interesses conflitantes e lutas internas entre os irmãos nativos, como salienta Fanon, na citação abaixo:

Alguns que lutam para conquistar a sua soberania e outros que, não tendo atingido ainda a plena liberdade, vivem debaixo da ameaça de uma agressão imperialista. Essas diferenças nasceram na história colonial, quer dizer, na opressão. (FANON, 1961, p. 10)⁸

Na luta pela sobrevivência e em busca de melhores condições de vida não se encontram os parentes dos que vivem protegidos de seguranças, mas sim aquelas pessoas que não fazem parte do palácio e que ainda são vítimas desses seguranças, consegue entender esta fala a partir destes seguintes versos, frisa o mano Azagaia: “Nesta emboscada estamos nós menos os que têm palácios/ Cercados por cães ferozes que matam em nome dos seus salários / (Mercenários!) / Prontos para fazer mais uma vítima / E fixarem em 500 mil o preço de uma vida, (AZAGAIA, 2012). O que se coloca mais na frente é a questão de que tudo pode demorar, mas cada coisa tem o seu tempo certo, quando as pessoas que lutam por um país digno vão se revoltar contra os que só pensam em si e mandarão todos eles para uma vida oposta, é o que percebe ao analisar estes seguintes versos: “Quem sabe faz a hora, atenção que é chegada a hora/ Os pobres vão queimar a casa e destruir a escola/ Os ricos vão se preparar para vender a esmola” (AZAGAIA, 2012).

Depois das estrofes, a música termina com discurso apontando partilha da África: “Ya, nós vimos essa gente desde o princípio mano / Primeiro partilharam a África na Conferência de Berlim / Vocês sempre foram inimigos da nossa independência, man / Sempre quiseram os nossos recursos e nunca souberam pedir por bem” (AZAGAIA, 2012). A base de várias desordem da qual o povo africano vem tentando escapar é alimentada pelo colonialismo. A partilha mencionada na música foi feita por quinze países, na Conferência de Berlim, sem a participação de qualquer

⁸ No original: “Others who are still fighting to achieve sovereignty and others again who has obtained complete freedom but who lives under the constant menace of imperialist aggression. These differences are born of colonial history, in other words of oppression.” (FANON, 1961, p. 10)

estado Africano, que, naquela altura, já começavam a se formar em nações independentes e lutavam pelas suas civilizações; países que ganharam reconhecimento internacional como a Etiópia e a Libéria (CAPOSSA, 2005, p.14).

A maioria das lutas eram aquelas alimentadas pelos jogos de interesses, um sistema dentro do qual os que se tornam ricos nem sequer pegam em armas para lutar, mas incentivam a luta de outros para atingir seus fins peculiares. Como colocou o rapper, quem tenta travar acaba morto: “Deram meia dúzia de dólares a uns / Meia dúzia de dólares a outros / para lutarem entre si man / E depois quando o Marechal quis acabar com essa merda toda / Mataram a ele quando estava a vir da Zâmbia” (AZAGAIA, 2012).

Essas lutas são muitas vezes alimentadas hoje por aqueles que têm interesses econômicos nesses países: colocam à disposição o armamento em troca das riquezas que os grupos beligerantes têm, em nome de ajuda para a paz e democracia. Por exemplo, Angola e Moçambique, países que conheceram momentos dramáticos de uma guerra civil, não fabricam e nunca fabricaram armas como as minas que continuam a fazer muitas vítimas. De onde vieram esses instrumentos de chacina? Vieram do lugar aonde foram o diamante de Angola e o camarão, marfim, ouro de Moçambique (CAPOSSA, 2005, p.15).

A partir desta música se consegue entender alguns pontos que contribuíram para o motivo de estancamento do país, como a adição de ideologias peculiares dentro do sistema governativo, como as separações internas ligadas à guerra civil de 16 anos e inclusive como as razões da paralisação do país e do próprio continente africano. Dois anos depois da derrocada do sistema colonial foi que se deu início a estas fortes disputas internas, que se alastram até dias atuais. Para além, houve o acordo de paz citado acima, assinado em 1992 e que deu um cessar fogo entre os dois grandes partidos, Frelimo e Renamo. Após um longo período dessa trégua, os interesses econômicos vêm se tornando mais intensos e criando crises no país. Daí, originou-se mais outro acordo de paz, bem mais recente, assinado entre os dois partidos em 2019, como mostra a seguinte citação:

A história recente de Moçambique, desde o fim da guerra civil em 1992, tem conhecido uma sucessão de crises entre o Governo da Frelimo e a Renamo, de cada vez suscitadas pelos processos eleitorais. A violência armada recomeçou em princípios de 2013, foi temporariamente interrompida com um acordo de paz que permitiu a participação da Renamo nas eleições de 2014, mas acabou por ser retomada em abril de 2015, depois de mais uma crise pós-eleitoral.

Em dezembro de 2016, foi decidida uma trégua, mas o esperado acordo de paz, dependente da resolução dos diferendos a propósito da integração de homens da Renamo nos comandos do exército e da polícia, só foi assinado em agosto de 2019 (BRITO, 2019, p. 45)

Estes problemas continuam ainda devido à falta de um pensamento ideológico que considere o país de forma coletiva, frisa Oliveira (2017, p. 1-2). Outras teses afirmam que a dificuldade de se alcançar a paz é consequência de uma cultura política problemática moçambicana, onde não se debate a cidadania, no sentido de até onde o Estado deveria interferir nas liberdades individuais.

ANÁLISE DA MÚSICA “VENDEM O PAÍS”

Quanto à análise desta música, o rapper se posiciona fortemente na questão da persistência em busca pela justiça e pela verdade. Azagaia parecia não se importar com as eventuais ameaças que poderia receber do poder público ou outros agentes que representassem seus interesses, como mencionamos acima, durante a análise da música “Povo no Poder”. Mesmo se estivesse morto, a obra de Azagaia continuaria (como, de fato, continua) a incentivar as pessoas das províncias a ficarem atentas, acessando os conteúdos de suas canções e os partilhando.

Azagaia apresentou uma ideologia da linhagem da verdade a partir da forma que se inicia a primeira estrofe da música, “Ah, não há vírus mais perigoso / que a nossa força de vontade / Nascidos pra morrer / em defesa da verdade” (AZAGAIA, 2022). O que ele expõe ao analisar é que, pode haver várias ameaças, várias tentações, mas nunca essas perturbações podem vencer a verdade. Para realçar mais sua crença, Azagaia faz a seguinte reflexão: “Quantas vezes Deus tem que vencer satanás” (2022). Percebe-se que Deus ocupa o lugar da verdade e os políticos de satanás, e são eles que não se preocupam como os outros irmãos.

A mudança dos termos que o Azagaia utilizou para descrever algo, no refrão a frase “Queima eles com o fogo da vossa paz, Senhor” (AZAGAIA, 2022). Ele fala de uma lavagem geral da alma dos políticos com a água da paz ou seja, água abençoada, para que haja uma mudança neles nos processos governativos, de pensar nos seus povos que estão sofrendo devido a liderança de interesse que os fazem colocar o país em risco como descreveu no seguinte verso da refrão: “Teu povo não aguenta mais, Senhor/ Em troca de petróleo e gás, vendem o país” (AZAGAIA, 2022). Na citação

abaixo talvez fique ainda mais evidente esta análise o que o rapper quis dizer quando fala sobre a venda da pátria em troca de petróleo e gás:

Desde 2013, o Governo de Moçambique contraiu, sem o conhecimento do parlamento e dos órgãos internacionais, cerca de 2 bilhões de dólares em empréstimos para 3 empresas estatais: A Proindicus, Mozambique Management Asset (MAM) e Empresa Moçambicana de Atum (EMATUM). Quando isso foi revelado, o FMI parou de cooperar financeiramente com o país e, posteriormente, mais 14 grupos investidores também o fizeram. O surgimento desse escândalo fez os juros moçambicanos se tornarem um dos maiores do mundo e diminuiu a nota do país nas agências de classificação de risco. Na época, o FMI e outros credores afirmaram que só iriam renegociar a dívida ou cooperar com Moçambique depois da realização de uma auditoria internacional independente sobre os empréstimos [...] de acordo com Magaço, tais dívidas deveriam ser pagas com as rendas previstas da extração do gás natural, que não obteve os lucros previstos. Além disso, o relatório também afirma que houve desvios de dinheiro massivos, como 500 milhões de dólares que deveriam ter sido enviados ao Ministério da Defesa, mas não se sabe a localização desse dinheiro. (OLIVEIRA, 2017, P. 2).

Nota-se um forte jogo de interesse individual da parte dos dirigentes governamentais, da situação em que às vezes acaba colocando o país. Entretanto, o rapper, enquanto critica o sistema governativo sobre suas más ações, também o que pode constatar nesta é que, ele traz nessa música as mensagens motivadoras para o seu povo não ficar de braços cruzados e muito menos cabisbaixo: “Fiquem firmes, o Senhor não desampara os seus herdeiros / Desde sempre Ele testou os seus filhos verdadeiros”, (AZAGAIA, 2022). Esse tipo de postura consegue perceber que alimenta a perspectiva da sociedade de que tudo pode mudar.

Verifica-se também uma forte persistência por parte do Azagaia, trazendo mensagens motivadoras alimentando as esperanças perdidas, usando certas palavras que alimentam a resiliência entre a conexão do criador supremo e os seus filhos. Uma mensagem que é capaz de ajudar no renascimento, e por outro lado, o que acaba deixando esta música diferente das outras para além de gerar críticas e reflexão construtivas como outras, é que “Vendem o País” foi a última música lançada pelo Azagaia falando sobre recentes problemas na negociação de recursos naturais.

No final da canção, o músico mostra que a mensagem precisa espalhar, porém pediu que o som passasse em largas escalas, onde mencionou diferentes bairros do país e diferentes países africanos.

Chamanculo (toquem esse som, yeah)
Munhava (toquem esse som, yeah)

Namicopo (toquem esse som, yeah)
Mueda (toquem esse som, yeah)
África do Sul (toquem esse som, yeah)
Egipto (toquem esse som, yeah)
Angola (toquem esse som, yeah)
Etiópia (toquem esse som, yeah), (Azagaia, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a abordagem e análise dessas obras musicais, torna-se evidente o funcionamento do ativismo social do Mano Azagaia, como se posiciona para gerar ideias de mudanças na sua população, apoiando as lutas contra injustiça social. Ademais, ele age sobre o seu público, incitando que as lutas por direitos continuem caso o governo não dê atenção aos problemas que estão prejudicando o povo, principalmente naqueles níveis mais básicos.

A princípio, as três músicas são muito fortes, contém conteúdos que tratam de momentos de resistências, perdas e de motivações. Elas podem ser vistas como as reescrituras historiográficas da cultura e sociopolítica moçambicanas, a partir dos conteúdos que elas abordam e que podem ser aproveitados para produção de materiais didáticos (são os próprios materiais didáticos!), de modo a que se permita o desenvolvimento de análises mais profundas. As músicas trazem vários acontecimentos que ocorreram na história de Moçambique, por exemplo, sobre a política de dividir para reinar, de colocar os filhos contra o pai, irmãos contra irmãos, amigos contra conhecidos, etc. Ou seja, as canções dialogam com um sistema que faz com que um povo não conheça sua própria história e cultura e, portanto, sejam forçados a se manterem na mesma situação opressora. De certo modo, elas funcionam como antídoto à própria força opressora que criticam.

Percebe-se que, hoje em dia, essa separação interna é um dos maiores motivos do atraso do país. Geralmente, não se tem como falar desses pontos sem pensar na África em geral porque, os problemas não se distanciam um do outro, começando na invasão e partilha da Conferência de Berlim, mencionada na análise da segunda música, que foi e é um dos motivos da África estar como está. Nota-se, portanto, que as músicas também não se limitam só ao contexto moçambicano para quem acompanha os acontecimentos africanos.

Porém, são músicas que geram em seus ouvintes uma série de possibilidades para reflexões e, ao mesmo tempo, para a formulação de críticas contra as corrupções sociais, ampliando, assim, os espaços e horizonte de pessoas que, em primeira

instância, restam com as vozes silenciadas, mas, a partir da obra de Azagaia têm suas vozes contempladas e a possibilidade de se sentirem ouvidas. Afinal, talvez o que se pode analisar é que, a proposição de Azagaia é a de incentivar e ensinar o povo a não se calar com as coisas, se conformam em uma situação que deixa o país e vida da população em insegurança. Por outro lado, as canções servem também como forma de chamar a atenção dos povos africanos em pensar nas possibilidades de reajustar os problemas comuns que existem, mas, principalmente, prendem as atenções dos moçambicanos sobre as perdas dos grandes homens e mulheres, do sangue dos inocentes, que foram derramados desde tempo colonial, passando pelas guerras de independência, pela guerra civil de 16 anos, até os dias atuais. Faz pensar que tipo de líderes o povo moçambicano tem e que tipos precisam para realizar o sonho de um futuro brilhante de Moçambique.

Mais especificamente, essas músicas de “intervenção rápida” ou MIR, estão aqui definidas como aquelas que não estão incluídas dentro dos álbuns, mas com o propósito de despertar e criar uma visão crítica e construtiva da população sobre assuntos mais urgentes. Como dá para ver durante as análises de cada música, o trabalho vem destacando pontos chaves de cada canção, dos períodos distintos, mas nunca deixaram de apontar as incapacidades dos líderes que o rapper sempre apontava, os sofrimentos do povo, das injustiças sociais e também de trazerem para a sociedade moçambicana a fé e a coragem na tomada de certas decisões para garantir as melhores condições de vida para o próprio povo.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Araldi, Jéssica. **A palavra-viva que corta: O Rap de Azagaia em combate a colonialidade em Moçambique.** 2016.

Azagaia: “Sob pressão no JCHAT -1 parte”. [Entrevista cedido à Jchat] TIMMOZAMBIQUE. 19 maio.2011. disponível em: https://youtu.be/uHwHwko_S_s. Acesso em: 21 set. 2023.

Azagaia: “A Teoria da Evolução”. [Entrevista cedido à José Mariño]. **Antena 1.** 02 dez. 2021. disponível em: https://youtu.be/m1_FhTtQkoY. Acesso em: 15 set 2023.

Azagaia: “Incrível entrevista do azagaia no programa TV sucesso”. [Entrevista cedido à Gabriel Júnior]. **Dicas do Tangune,** 20 abr 2021. Disponível em: <https://youtu.be/RAnY6S7fxps>. Acesso em: 27 set 2023.

Azagaia. “A Emboscada”. **Portal R7**, 14/11/2012. disponível em :<https://www.letras.com.br/azagaia/a-emboscada>. Acesso em:15 set. 2023.

Azagaia. “Vendem o país”. **Portal R7**, 08/02/2022. disponível em: <https://www.letras.com.br/azagaia/vendem-o-pais#top=azagaia>. Acesso em:10 set. 2023.

Azagaia. “Povo no Poder”. **Portal Letras**, 20/02/2008. disponível em: <https://www.letras.mus.br/azagaia/povo-no-poder/>. Acesso em:03 set. 2023

BeatBox, site. **O que é Hip Hop?** Guia 2022 dos 5 elementos do Hip Hop. Disponível em: <https://superbeatbox.com.br/o-que-e-hip-hop/>

Brito, Luís. **Multipartidarismo, geografia do voto e descentralização em Moçambique.** Desafios para Moçambique 2019.

Campos, Rosilene Silva. **Literatura como espaço de memória: O caso de Moçambique.** 2014.

Capossa, Romão. **Algumas consequências da Conferência de Berlim (1884-1885) para a atual África,** 2005.

Chinguai, Júlio. et al. O Rap de intervenção social em Maputo, Moçambique. **Iscte.** 2020.

ESQUERDA, Portal. **Polícia moçambicana mata dez manifestantes.** 2 de Setembro, 2010. Disponível em: <<https://www.esquerda.net/artigo/pol%C3%ADcia-mo%C3%A7ambicana-mata-dez-manifestantes#:~:text=A%20revolta%20popular,e%20da%20electricidade>>. Acesso em 31 de outubro de 2023.

Fanon, Frantz. **The Wretched of the Earth.** 1. ed. Trad. Constance Farrington. New York: Grove Press, 1963. (Preface, by Jean-Paul Sartre).

Funk, Batalha. **A importância do Rap nacional.** 2021, disponível em: <https://batalhafunk.com/en/a-importancia-do-rap-nacional/>

Iannarelli, Maria. “As diversas faces do ativismo social”. **Revista Filantropia.** Edição digital. Postagem de 09 Agosto 2013. Disponível em: <https://www.filantropia.org/informacao/voc%C3%AA-%C3%A9-um-ativista-social?#:~:text=As%20diversas%20faces.existir%20em%20sociedade.>> Acesso em 31 de outubro de 2023.

Migliorini, Emílio Ranieri. **Narrativas e histórias de Moçambique na produção musical do rapper Azagaia (2005-2019).** Dissertação apresentada ao curso Mestrado no Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED), da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), 2022.

Migliorini, E. Ranieri. Uma perspectiva da música RAP de Azagaia acerca dos desafios da sociedade moçambicana no tempo presente. **Revista Convergência Crítica**, (2020).

Migliorini, Emílio Ranieri. Se a polícia é violenta, respondemos com violência”: manifestações populares em Maputo narradas na música “Povo no Poder” do rapper Azagaia. **IV Seminário Internacional História do Tempo Presente**-ISSN 2237-4078. 2021.

Oliveira, Bernardo. **O avanço e retrocesso**: O desenrolar da crise política e económica em Moçambique. 2017.

Silva, Cristiane Nascimento da. Cultura de paz em tempos de guerra: Memórias de religiosos sobre o início das negociações pela paz em Moçambique, 1982-1994. **Boletim GeoÁfrica**, 2022.

Santos, Boaventura de Sousa: Espetáculo RapGlobal. [Entrevista cedida à Sandra Salomé e com o diretor musical Fuse]. **Unir**, 03/12/2022. disponível em: https://youtu.be/KhV7DFF_NIQ . Acesso em 13 set 2023.

Santos, Dos Santos, Quetila Ruiz Cavalcante, Renata Assis Beccária, e Simone Norberto. "Hip Hop da Floresta. 2009. **Portal, Intercom**. 2009. Disponível em: <https://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/expocom/EX18-0048-1.pdf>. Acesso em 10 dez. 2023.

ANEXOS

“POVO NO PODER” (Azagaia, 2008)

Já não caímos na velha história
Saímos pra combater a escória
Ladrões
Corruptos
Gritem comigo pra essa gente ir embora
Gritem comigo, pois o povo já não chora
Isto é Maputo
Ninguém sabe bem como
O povo que ontem dormia
Hoje perdeu o sono
Tudo por causa desse vosso salário mísero
O povo sai de casa e atira pra o primeiro vidro
Sobe o preço do transporte
Sobe o preço do pão
Deixam o meu povo sem norte
Deixam o povo sem chão
Revolução verde, só vemos na nossa refeição
Agora pedem o que? Ah, Ponderação
Pondera tu, antes de fazeres a merda
De subires o custo de vida
E manteres baixa a nossa renda
Esse governo não se emenda mesmo, não
Vai haver uma tragédia mesmo, sim
Mesmo
Que venham com gás lacrimogéneo
A greve tá cheia de oxigênio
Não param o nosso desempenho
Eu vou lutar, não me abstenho
Malhazine (presente)
Magoanine (presente)
Urbanização (presente)
Jardim
Povo no poder, povo no poder
Senhor presidente, largaste o luxo do teu palácio
Finalmente te apercebeste que a vida aqui não está fácil
E só agora é que reunes esse conselho de ministros
O povo nem dormiu, já tamos há muito reunidos
Barricamos as estradas
Paralisamos esses chapas
Aqui ninguém passa
Até as lojas estão fechadas
Se a policia é violenta
Respondemos com violência (o quê?)
Muda a causa pra mudares a consequência

Mais de metade do meu salário vai pra impostos e transporte
Se o meu filho adoecer fica entregue a sua sorte
Enquanto isso, esse teu filho está saudável e forte
Vive na fartura leva uma vida de lord
Viver aqui é um luxo, o custo é elevadíssimo
Trabalhamos como escravos e entregamos tudo no dízimo
Baixa a tarifa do transporte ou sobe o salário mínimo
Xee, Isso é o que deves fazer no mínimo
À não ser que queiras fogo nas bombas de gasolina
Assaltos a padarias, ministérios, imagina
Destruir os vossos bancos comerciais, a vossa mina
Governança irracional parece que contamina
Que tenham aprendido a lição
E não esperem pela próxima
Aviso-vos meus senhores que terão pela próxima
O Norte (presente)
O Centro (presente)
O Sul (presente)
Moçambique (Moçambique)
Povo no poder, povo no poder
Povo no poder, povo no poder

“A EMBOSCADA” (Azagaia, 2012)

Eles lutam pelo poder que está nas nossas mãos
Disputam, mas querem ver o sangue nas nossas mãos
E encurtam a vida que já é curta para nós
Fomos de crianças soldados a prostitutas da UNIMOS
Nós matamos irmãos, amigos, tios e avós
Cortamos tantas gargantas que acabamos sem voz
Enganados por acordos de paz assinados em Roma
E agora, será que o Papa vai descer até a minha zona?
Baixar o preço do chapa e fazer subir a pomba?
Branca como a paz antes de explodir a bomba?
Na cara, eu digo-vos a verdade na cara
O primeiro a matar o próprio irmão vou cuspir-lhe na cara
A verdade sobre essa gente fingida que mente na cara
Que para provocar uma guerra deixa a vida mais cara
Gente que se mascara com discursos democráticos
E depois entrega armas a jovens desempregados
Namaacha Special Choir
Com as velas no ar
E se acende a luz
Nesta noite irmãos
Ela nos conduz
Nesta emboscada estamos nós menos os que têm palácios
Cercados por cães ferozes que matam em nome dos seus salários
(Mercenários!)

Prontos para fazer mais uma vítima
E fixarem em 500 mil o preço de uma vida
Pergunta a mãe do Hélio se não chorou na despedida
Do filho que tombou na emboscada da política
Que nos deixa aqui em casa sem comida
Quando saímos atrás dela, achamos uma bala perdida
Ou uma loja partida pelo vizinho aqui do lado
Que para matar a fome não hesita em me chamar de rato
E atirar-me um pau para o mundo lhe chamar de gato
Quem sabe faz a hora, atenção que é chegada a hora
Os pobres vão queimar a casa e destruir a escola
Os ricos vão se preparar para vender a esmola
Enriquecer sem demora com empresas de reconstrução
Oferecem o problema e depois vendem a solução
Namaacha Special Choir
Com as velas no ar
E se acende a luz
Nesta noite irmãos
Ela nos conduz
Foi assim no Iraque, foi assim também na Líbia
Líbios mataram Khadaffi e acusaram a bíblia
Aquilo era amor de Cristo ou paixão petrolífera?
Se correr a NATO pega, se ficar pega a mídia
Imedia-mente a minha mente viaja
Imagino como essa gente quer que eu reaja
Sobem o preço do petróleo, querem que eu não suba o chapa?
Antes de matar o meu irmão, eu espeto-vos uma faca
Baza, fora daqui com essa ajuda envenenada
Prefiro andar a pé e não importar mais essa lata
Esse lixo do Japão que não cheira, mas mata
Eu não volto para a mata
E nem vou fazer da minha cidade uma mata
Antes pobre, mas com vida
Eu sou jovem cheio de vida
Não entro nessa guerra para acabar com a minha vida
Fora da minha terra ou vais acabar sem vida
Namaacha Special Choir
Com as velas no ar
E se acende a luz
Nesta noite irmãos
Ela nos conduz
Ya, nós vimos essa gente desde o princípio mano
Primeiro partilharam a África na Conferência de Berlim
Vocês sempre foram inimigos da nossa independência, man
Sempre quiseram os nossos recursos e nunca souberam pedir por bem
Vem aqui, pilham os nossos recursos
E depois dizem que nós é que não somos civilizados
Seus selvagens!
E quando nós conquistamos a nossa independência
Vocês não ficaram satisfeitos, não é?
Começaram a provocar
Começaram a promover intrigas entre nós, não é?
Deram meia dúzia de dólares a uns
Meia dúzia de dólares a outros para lutarem entre si man
E depois quando o Marechal quis acabar com essa merda toda

Mataram a ele quando estava a vir da Zâmbia, não é?
Não é verdade?
E depois uns ficaram pais da democracia por acidente
Depois criaram aqui elites capitalistas por acidente
E só ao preço dessa democracia falsa que não existe
É que nos deram a paz, não é?
Uma paz que faz de poucos muito ricos
E de muitos muito pobres né?
Mas vocês sabiam que essa paz não ia durar muito tempo, não é?
Sabiam ou não sabiam?
Sabiam que as desigualdades sociais
Mais cedo ou mais tarde iam trazer guerra, não é?
Aquela guerra que vocês querem entre nós para dividir-nos
Para serem vocês mais uma vez a ficarem com os recursos, não é?
E vocês nunca quiseram que nós tivéssemos educação, não é?
Antes não nos davam educação
E agora que tem que nos educar educam-nos mal, não é?
Para pôr filhos contra pais
Para nós não conhecermos a nossa própria história
A nossa própria cultura!
Mas agora não é a vez dos riquinhos a quem vocês sempre deram dinheiro
E nem é a vez dos ex-guerrilheiros que deixaram o líder vir passear a cidade
E prometeu-lhes o poder, mas nunca trouxe
Agora é a nossa vez! Agora é a vez dos jovens
E nós não vamos entrar em guerra não, porque nós é que trabalhamos aqui
E nós podemos sentar em casa e vamos ver o que vai acontecer, man
Nós podemos sentar em casa e vamos ver o que vai acontecer, man
Não há mais sangue aqui por vossa causa, ham?
Prestem bem atenção, nós é que vamos fazer a revolução
Os verdadeiros filhos da independência man
Os filhos de Deus man
E a quem a carapuça serviu, que se suicide!

“VENDEM O PAÍS” (Azagaia, 2022)

Mano Azagaia tá na casa
2022, 2000 e sempre
Povo no poder
Ah, não há vírus mais perigoso que a nossa força de vontade
Nascidos pra morrer, em defesa da verdade
Eles estão em seringas, nós estamos em toda parte
O exército é de bilhões, boofs vão apanhar enfarto
Queima eles, Senhor, com o fogo da Vossa paz
Pesaram a nossa vida em petróleo e gás
Pesa a vida deles, as prostitutas valem mais
Quantas vezes Deus tem que vencer satanás
Sempre que necessário vai cair na própria cova
Não cumprimos a ordem dele, nem que seja nova
Presidentes são assassinos e nós somos a prova
Aplaudidos em conferencias, mas o povo os reprova
Chantageiam a saúde, não caímos no vosso truque
Quantas vidas vão vender pra enriquecer o vosso clube
Continuamos em pé, a vossa empresa que divulgue
Não somos feitos de medo, somos feitos de atitude
Queima eles com o fogo da vossa paz, Senhor
Teu povo não aguenta mais, Senhor

Em troca de petróleo e gás vendem o país
Queima eles com o fogo da vossa paz, Senhor
Teu povo não aguenta mais, Senhor
Em troca de petróleo e gás vendem o país
Segundo verso, deixe-me explicar-vos uma coisa
Eu não paro de clamar, nem quero que o governo me ouça
Governo que se vende por uma frota de mahindras
Vende o próprio povo pra comprar tintas
O julgamento acabou, cada um com a sua sentença
Nós condenados a suportar a vossa presença
Vocês a enriquecer com os lucros de uma doença
Vossa doença, vossa ganancia é a vossa doença
Aliás, foi por isso que mataram Machel
Tirem as vossas fardas, não sujem o nosso quartel
Cambada de espíões por cada metro quadrado
É pela força da canções que nós temos respirado
Não há tosse que nos pare
Tragam seringas e algemas, a polícia que dispare
A distancia que nos separe, o amor é que nos une
O que pra vocês é um vírus, pra nós é perfume
Queima eles com o fogo da vossa paz, Senhor
Teu povo não aguenta mais, Senhor
Em troca de petróleo e gás vendem o país
Queima eles com o fogo da vossa paz, Senhor
Teu povo não aguenta mais, Senhor
Em troca de petróleo e gás vendem o país
Ninguém vos disse ainda, mas minerais é o que eles querem
Envenenam o ar com as indústrias que eles gerem
Ainda estamos na quarta, as pragas são 19
Ninguém sabe o que cai do céu cada vez que chove
Mas fiquem firmes, o Senhor não desampara os seus herdeiros
Desde sempre Ele testou os seus filhos verdadeiros
Fiquem firmes, o Senhor não desampara os seus herdeiros
Desde sempre Ele testou os seus filhos verdadeiros
Chamanculo (toquem esse som, yeah)
Munhava (toquem esse som, yeah)
Namicopo (toquem esse som, yeah)
Mueda (toquem esse som, yeah)
África do Sul (toquem esse som, yeah)
Egipto (toquem esse som, yeah)
Angola (toquem esse som, yeah)
Etiópia (toquem esse som, yeah)